

Coletivo em Mato Grosso

O Sindicato dos Eletricitários de Mato Grosso do Sul sediou, nos dias 2 e 3 de março, a terceira reunião dos coletivos de imprensa e formação. Com a participação da maioria dos sindicatos da Intersul, o encontro aprofundou as discussões em torno de um trabalho conjunto nas duas áreas. A próxima reunião será dias 27 e 28 de abril, em Blumenau.

Os trabalhos de Colombo

É muita esquizofrenia: de um lado aquele discurso eloquente sobre "enxugamento", de outro, o senhor Raimundo Colombo, presidente da Celesc, está aceitando empregar pessoas postas à disposição por prefeituras do interior, algumas até com ônus para a Celesc. Em Otacílio Costa, Ipira, Herval do Oeste e Lages, "trabalham" nos escritórios da empresa pessoas que o Sindicato dos Eletricitários de Lages desconfiam serem cabos eleitorais.

Assembléia e Debate

O Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis convoca todos empregados da Celesc e Eletrosul de sua base eleitoral para se reunirem em assembléia geral extraordinária no auditório do Sindicato dos Bancários (Rua Visconde de Ouro Preto, 308 - Centro - Fpolis), no dia 16.03.93 às 18hs00 (em primeira chamada), com número regulamentar e às 18h30min (segunda chamada), com qualquer número de presentes, a fim de eleger delegados para o 1º Congresso dos Urbanitários da Região Sul que será realizado em Curitiba nos dias 20 e 21 de março de 1993, para discutir conjuntura e organização sindical. Após a assembléia haverá um debate sobre a forma e sistema de governo a ser decidida no plebiscito de abril.

Eleições no Sinergia

Dias 11 e 12 de março acontecem eleições para escolha da nova diretoria do Sinergia, com urnas fixas na sede da Eletrosul e Celesc, na Agência e Sertão. Nos demais locais circularão urnas itinerantes.



LINHA VIVA

Nº217
11/03/93

Sancionada a anistia



A anistia aos dirigentes sindicais punidos após cinco de outubro de 1988 foi sancionada dia quatro pelo presidente Itamar Franco. No setor elétrico ela terá efeito especialmente sobre as punições relativas à greve de agosto de 1990 e decorrentes de denúncias de corrupção nas empresas.

"Esta lei foi criada para garantir o cumprimento da Constituição que foi desrespeitada com a punição de sindicalistas, ela resgata a democracia e o direito de greve", explica o autor do projeto, deputado Paulo Rocha (PT-PA). O CNE - Comando Nacional dos Eletricitários - acompanhou de perto

a tramitação do projeto, buscando agilizar a sua aprovação.

Delman Ferreira, diretor do Sinergia, participou da reunião em que Itamar sancionou a lei e afirma que só uma batalha foi vencida. "Temos que estar atentos uma vez que os diretores corrompidos que foram algozes deste processo continuam à frente das empresas e tudo farão para postergarem as reintegrações, ainda mais que o custo deste capricho não será pago com o dinheiro deles" ressalta o sindicalista.

Visando o cumprimento imediato da anistia, o CNE já partiu para a ofensiva. Entregou durante a posse do novo presidente da Eletrobrás, José Luiz Alquerques, ontem (dia 10), documento cobrando a reintegração dos demitidos conforme o previsto pela lei. Em paralelo, manteve contato com o líder do governo na Câmara, Roberto Freire, e com o Ministro do Trabalho, Walter Borelli, para que os mesmos ficassem atentos a uma eventual artimanha das diretorias "corrompidas" do Setor contra a anistia.

Faltou Estratégia

Tem coisas que não dá para entender. Como é que o senhor Edson da Silva Góes, autoriza uma viagem, de valor superior a Cr\$ 10 milhões, cujo motivo seria "entregar documento ao Presidente da Eletrosul" em Brasília, enquanto o próprio Gazaniga se exibe como paladino da contenção de custos, impedindo até viagens essenciais para manutenções preventivas? (A viagem acabou não acontecendo porque o "office-boy" perdeu o avião). O documento em questão, deveria ser apresentado numa reunião de ministério e o improviso foi tanto que o Comitê de Desenvolvimento Estratégico, teve que fazer um abuso de horas-extras no final de semana passada para prepará-lo.



Mentira tem perna curta

O que significa isto? No dia 5 de março a Eletrosul anunciou que tinha assinado um acordo com vários sindicatos, entre eles o dos economistas. Acontece que este sindicato convocou uma assembléia para dia 8 de março para "apreciação e votação da pauta parcial do acordo proposto pela Eletrosul". Como é que foi assinado acordo antes de ter sido feito assembléia para sua aprovação?

Ética nos sindicatos

Nos dias 4 e 5 de março o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro promoveu encontro entre sindicalistas independentes e de várias correntes cutistas, com o objetivo de discutir a criação do Fórum da Ética no Movimento Sindical Cutista. O objetivo do fórum é elevar o nível do debate e relacionamento nas suas relações afim de alterar o rumo apontado no IV Concut. Haverá um novo encontro, com data a confirmar, sobre ética, ao cabo do qual será constituído oficialmente o fórum e avançar na discussão ética da gestão sindical. O Sinergia foi representado pelo diretor Glaucio Marques.

Celesc contrata serviço sem fazer licitação

Empregados zelosos do patrimônio da Celesc estão denunciando a contratação, sem licitação, de uma empresa que fará o levantamento e projeto de melhoria da rede de abastecimento de energia elétrica do norte da Ilha de Santa Catarina. Eles garantem que a própria Celesc pode fazer o serviço, como sempre fez.

A negociação para a melhoria da rede que vai do Balneário Daniela até a praia do Santinho, começou em novembro passado. A agência Florianópolis estudou o caso e concluiu que poderia entregar o projeto em quatro meses. Necessitaria apenas de três carros - emprestados da Central - para fazer o levantamento em campo. O resto seria executado por empregados que ganham para isto.

Paulo Sá Brito, assistente da diretoria da Distribuição da Celesc, concorda que "nosso pessoal tem plenas condições de fazer o projeto". O serviço de terceiros teria sido contratado por causa da tecnologia. "É isto que nos interessa. Eles se propõem a otimizar a utilização de transformadores. Existe uma média nacional de utilização de divisões de circuitos para reformas de rede. Eles diminuem esta média. Além disso entregam tudo digitalizado, ou seja, passado para o computador e não em

papel vegetal como fazemos até agora". Esta tecnologia teria sido empregada numa única empresa, a Companhia de Força e Luz Catarinenses Leopoldina, de Minas Gerais.

Quer dizer, em termos de economia, a empresa estaria apostando no futuro. Economizaria, neste projeto, alguns transformadores a menos e gastaria uma grande quantia para contratar a empreiteira. Sá Brito diz que é impossível comparar os custos. "Não fizemos este tipo de cálculo. Não podemos saber quanto isto custaria se fosse feito aqui dentro, já que não temos esta tecnologia. Não sei se sairia mais barato ou caro".

Na denúncia os empregados dizem desconfiar que a transferência acabe não acontecendo e que ela seria apenas um artifício para fugir da licitação, que no final nada seria repassado ao know-how da Celesc. Mas o assistente da Divisão de Distribuição assegura que quatro engenheiros da Celesc coordenarão os trabalhos, apreendendo a tecnologia e depois repassando-a ao corpo funcional.

Na denúncia os empregados dizem ainda que a contratada cobrará Cr\$ 283.000,00 por poste projetado (preço de fevereiro/93) - prevendo a instalação de 4.500 postes, que daria um total de Cr\$1.273.500.000,00.

Punição em Rio do Sul

Arbitrariedade. Não há outra palavra para caracterizar a suspensão por um dia de Suely Teresinha Radtke, empregada da Agência de Rio do Sul da Celesc por ter encabeçado um abaixo-assinado que reivindicava papel higiênico de melhor qualidade. O documento foi entregue informalmente ao supervisor administrativo financeiro daquela agência, Manoel Pereira, satiricamente elaborado no próprio papel higiênico e assinado por todas as empregadas do local.

O gerente, disse que se sentiu "enxovalhado" com a manifestação e revideou com palavras e o encaminhamento da punição. O sindicato dos eletricitários do Vale do Itajaí protestou e denunciou publicamente a arbitrariedade. "Rio do Sul está se caracterizando pela irresponsabilidade no que se refere a punições", disse a entidade.

No final da história, o papel higiênico foi substituído por um de melhor qualidade.

Santa Catarina é campeão de violência contra a mulher

Marli Cristina Scamazzon
Equipe Linha Viva

A grande surpresa do relatório final da CPI que investigou a violência contra a mulher no Brasil ficou para Santa Catarina. Os catarinenses batem recorde em lesões corporais contra a mulher (75,5% dos casos registrados no Estado). Depois vem o Rio Grande do Norte (66,1%) e o Acre (60%).

Aproveitando a passagem do Dia Internacional da Mulher, o Linha Viva buscou pessoas ligadas ao direito feminino para tentar entender porque a agressividade do homem catarinense. Ninguém sabe explicar o alto índice - alguns chegam até a negá-lo, demonstrando que a questão exige um debate maior.

Com os dados da CPI, liberados no final de dezembro, pode-se montar um perfil comportamental muito valioso do país. Somente a polícia registra - diariamente - 300 queixas de violência contra a mulher. 51% destes registros são de atentado violento ao pudor, rapto, cárcere privado e discriminação. Outros 26,2% correspondem a lesões corporais e 16,4% a ameaças.

Fica-se sabendo também que o assassinato de mulheres predomina em Alagoas (24,8% das notificações naquele Estado), Pernambuco (13,2%) e Espírito Santo (11,1%). Nestes três Estados estão os mais altos índices de estupro: Espírito Santo com 19,8%, Pernambuco com 19,1% e Alagoas com 13,2%; sendo que 50% dos estupros acontecem dentro da própria família.

Os técnicos alertam que este pode não ser um retrato da realidade, já que ninguém sabe dizer quantas ameaças e casos não chegam à polícia. Sabe-se apenas que são inúmeros e que não há distinções de classe social (em Florianópolis é muito grande o índice de médicos que agridem suas esposas). As mulheres mais pobres apelam mais para a polícia. As da classe média tem vergonha de denunciar espancamentos.

Mas, se na hora da briga o homem se vale do que tiver à mão para bater na mulher, o mesmo não acontece na hora do acusado depor na polícia: "são covardes, chegam aqui rastejando", conta a delegada Stefanovich. Por isto, dizem as pesquisas, 70% das mulheres deixam de apanhar depois que procuram socorro.



Em Florianópolis ato do Dia Internacional da Mulher foi no calçadão, com shows, varal literário, vídeos e muitas denúncias contra o machismo

Motorista violenta sua filha impunemente

Todas manhãs a delegada Lucia Stefanovich vê passar diante de sua janela, na Delegacia da Mulher e do Menor de Florianópolis, um homem que violenta constantemente sua filha desde que ela tinha 9 anos (hoje tem 14). Ele é motorista de ônibus e, apesar de ter estado lá depondo, ter sido processado, preso e solto, não parece nem um pouco contrariado em encerrar a delegada. As denúncias foram feitas por vizinhos e parentes, mas a esposa e a filha sempre negam os fatos.

O quadro da violência contra a mulher em Santa Catarina é assim. Vai além da impunidade, chegando quase à aceitação da sociedade. É por isto que ver aquele homem dirigindo tranquilamente seu ônibus tira a delegada do sério. O caso tem todos os componentes para isto: a sujeição de duas mulheres por medo e por motivos econômicos. E a fanfarronice do homem, é claro.

Mesmo assim a delegada se surpreende com o dado da CPI sobre Santa Catarina. "Honestamente não tenho o que dizer. Teremos que estudar estes números e procurar a razão. Talvez a existência de oito delegacias de mulher em Santa Catarina seja algo a considerar. Nunca imaginei isso. Sinceramente".

Mas o que preocupa o pessoal que

Zezé Coelho

Machismo, falta de cultura e dinheiro

Muitas vezes no afã de buscar novos pontos de vista para chamar a atenção para um problema acaba-se negando velhos argumentos que, apesar de surrados, traduzem com precisão a realidade. É o caso da violência contra a mulher. Questões econômicas e crescente conscientização das vítimas sobre seus direitos continuam sendo as melhores explicações. E são as utilizadas por Anita Pires quando fala sobre o assunto.

Anita, conhecida por sua atividade política, é uma pioneira no feminismo. Com outras ativistas lutou pela criação de delegacias de mulheres no Estado, quando o Brasil inteiro sequer pensava na história. "Mas o governador era o Amin. Disse que se fizesse isto teria que criar também a delegacia do índio, do homem, etc. Só bem depois cedeu e criou a primeira". Hoje existem outras sete em Santa Catarina e esta organização, argumenta Anita, demonstra uma realidade diferente da apontada pela CPI.

"Não tem lógica. Estes dados não correspondem à verdade. A violência tem origem no machismo, no baixo nível cultural, nos problemas financeiros. E nosso Estado está longe disto. Temos uma das melhores qualidades de vida do país. Por isto estranho a percentagem".

Quando a surpresa acaba, Anita Pires começa a procurar a origem destes números. "Temos mais delegacias especializadas e todos dados são computadorizados. Talvez daí a grande incidência. Além do mais as catarinenses estão mais organizadas e conscientes de que existe um canal oficial para resolver isto e o procuram".

Quando me bate é outra pessoa

R.B. é um dos números da estatística sobre a mulher catarinense por acaso: tem 39 anos, tem carteirinha do melhor clube da cidade, dois filhos e um marido violento. Ela passou metade do mês de fevereiro de olhos escuros. No segundo dia de carnaval o marido bebeu demais, "ficou" ciumento e bateu nela. R. B. acabou na polícia contra a vontade e morta de vergonha.

Não, ela disse, jamais teria denunciado o marido. Foram os vizinhos que chamaram a polícia. Esta por sua vez teve que chamar a PM e só com três homens conseguiram dominar o ciumento. As crianças ficaram com os vizinhos naquela noite e ela procurou uma conhecida.

No dia seguinte ele apareceu, diz R. B. Estava bom de novo. Pediu desculpas, fez todas promessas de novo, jurou que não iria mais beber. Eu continuava chocada, diz a mulher, porque ele nunca tinha me batido com um pau. Mandei que voltasse de tarde. Eu estava horrível, cheia de batidas pretas. Queria ficar melhor.

De tardezinha ele chegou bem arrumado, com os dois meninos engomadinhas e assustados. Não aguentei. Ele é um bom homem. Traz todo dinheiro para casa, não é mulherengo e adora as crianças. Melhor que a maioria dos homens por aí. Quando me bate não é ele, é outra pessoa. Se para de beber nunca mais isto vai acontecer.

TRIBUNA LIVRE

Patrimônio dos trabalhadores

Delman Ferreira
Diretor do Sinergista

A recente "crise" aberta no Partido dos Trabalhadores pela participação de Luiza Erundina no governo Itamar, leva a uma constatação interessante: o PT é hoje, sem a menor dúvida, um patrimônio dos brasileiros.

Todos, militantes, simpatizantes, críticos, adversários, inimigos mortais, foram envolvidos no debate e sentiram-se no direito de opinar sobre a decisão petista.

O PT já viveu inúmeros momentos críticos devido a suas divergências internas, e nunca teve medo de expor ou enfrentá-las. Já houve expulsões como no caso dos que votaram no colégio eleitoral, trazendo a luta das Diretas Já e, mais recentemente, no caso da Convergência Socialista.

Mas nenhum destes momentos mereceu maior atenção do país, a não ser de alguns críticos que se aproveitaram para tentar diminuir o partido. A atual polêmica leva a constatação de que, finalmente, o Brasil tem um partido político de fato, inserido na vida nacional, cujas decisões envolvem a população.

Ficamos torcendo para que outros partidos também se transformem em patrimônios brasileiros, que sejam parte da vida do país, tão solidamente organizados e enraizados, que nenhum golpe ou artimanha consiga dissolver. Assim, estaremos fazendo história e caminhando na direção da estabilidade democrática calcada na expressão popular, no confronto de projetos, escapando da vergonhosa troca de favores e loteamento da vida nacional, como estamos assistindo neste momento em que os "partidos" que dizem apoiar o governo travam uma disputa despuddorada pelos cargos que serão utilizados para promoção política e para garantir projetos pessoais.

Deste loteamento o único resultado que vai se obter é um governo Frankenstein, onde cada setor vai defender seus interesses, ignorando completamente os interesses da nação. Confundem participação do governo com ocupação de cargos.

Um partido que se propõe a governar o país voltado para resolver os problemas nacionais não poderá jamais aceitar fazer parte de uma colcha de retalhos, onde cada um tem um projeto e puxa para um lado.

Governar um país exige um plano completo, harmônico, que comprometa a todos com suas prioridades. Não deverá ser um plano de um partido único (vade retro!), porém deve ser um plano único e que envolva vários partidos e vários segmentos.

Felizmente já contamos com um Partido, com projetos e princípios. Torçemos, agora, para que surjam outros. Para o bem da Democracia!

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Interindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Dinivaldo Gilloil. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966). Ilustrações Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: gráfica do jornal O Estado. Redação: rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone: (0482) 22-3866. Telefax: 481555. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

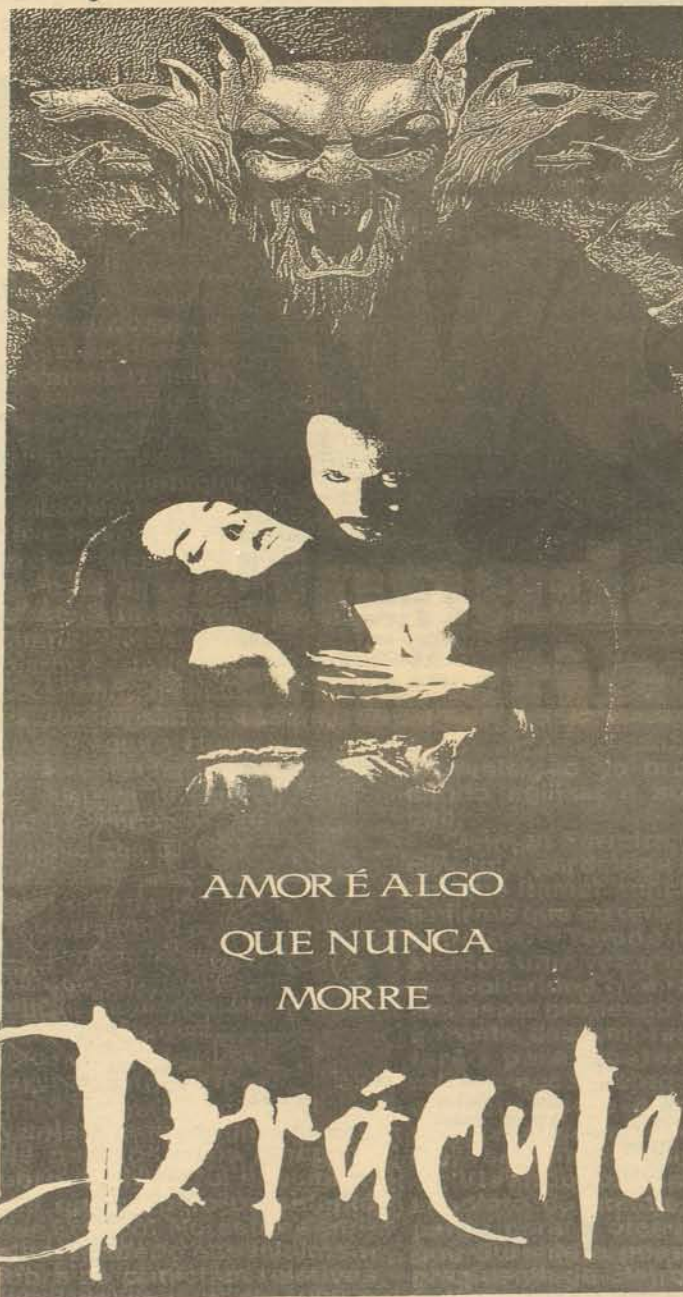
O vampiro romântico

Luiz Césare Vieira
Empregado da Celesc

A fórmula de sucesso dos alquimistas de Hollywood é infalível. Em primeiro lugar seleciona-se um bom tema, de preferência já integrado ao imaginário popular (novidade pode ser fonte de risco). O manancial flui do passado e emerge no presente com estilo próprio. Pode vir das revistas em quadrinhos (Batman, Dick Trace), da história (Os Intocáveis, JFK) ou da ficção (Robin Wood, Drácula). Em seguida agrega-se um diretor renomado, disposto a entrar no circuito comercial para compensar eventuais fracassos de bilheteria anteriores com filmes-arte. Um Coppola, por exemplo. Jamais esquecer os astros e estrelas. Se a escolha recai entre os mais fulgurantes da constelação atual (como um Antony Hopkins), tanto melhor. O resto é técnica de véspera do ano 2000, muito marketing e... é claro, uma pitadinha de US\$ 60 milhões!

E lá vamos nós, o público, contentes adentrando o cinema na certeza prévia de assistir um grande espetáculo. Aliás, a fruição momentânea de super eventos é uma característica bem peculiar à cultura tecnológica contemporânea. Uma espécie de recompensa psíquica num mundo que cultiva a superficialidade.

Alquimias a parte, está em cartaz em Florianópolis a 155ª versão cinematográfica de Drácula, baseada no livro de Bran Stocker, lançado em 1897. O núcleo da história é sempre o mesmo. Drácula é um conde da alta nobreza da Transilvânia em fins do século XV. Fiel defensor da igreja contra os pagãos, renega Deus ao chegar de uma batalha e se deparar com a morte de Elisabeta, seu grande amor. Em seguida reaparece como vampiro no ano de 1897, em busca de sua eterna amada, agora reencarnada na bela Mina.



Qual o motivo de fascínio neste filme de Francis Ford Coppola que faturou US\$ 80 milhões nas primeiras seis semanas? Certamente não foram os apelos de terror, um estilo saturado com tantas horas do espanto e exorcistas que inundaram as telas com os mais variados efeitos especiais e imagens horripilantes, fruto mais de performance técnica do que suspense.

Ao contrário de outras versões onde

o terror fornece a tônica, o Drácula de Coppola é uma história de amor. Não mais o amor egofista do vampiro que abate seu objeto de prazer. Neste filme persiste o jogo da sedução. O lado lírico, subjetivo, humano de Drácula emerge nos instantes em que seu amor é correspondido. Mas Drácula, antes de tudo, é presença do irracional, do satânico e da morte. O mal que deve ser eliminado.

Amor e morte (eros e thanatos) são os eternos temas da humanidade, nas mais diversas épocas e situações. Em *Romeu e Julieta* de Shakespeare, por exemplo, a morte aparece como última possibilidade de união, o "não ser" unifica os espíritos dilacerados pelas circunstâncias adversas. No filme *O Matador*, de Almadóvar os amantes buscam na experiência da morte o êxtase total, uma experiência limite na busca pelo prazer. Já o amor de Drácula, inconsolado pela perda de Elisabeta, quer suplantá-la as barreiras de finitude, mesmo ao preço da danação eterna na condição de morto-vivo. "A vida de um homem só tem sentido quando encontra o verdadeiro amor", afirma o vampiro que leva às últimas consequências a sua máxima.

Nos três exemplos, um substrato comum: o estado de conflito em personagens diante do vazio do seu destino, exatamente a característica do estado de espírito trágico da arte Barroca. No filme de Coppola os elementos desta arte pós-renascentista são uma constante. Drácula é extremamente Barroco em sua crise existencial enquanto ser solitário e melancólico odiado por todos, ou na sua vivência ambígua entre a paixão dos vivos e os mistérios dos mortos. A própria fotografia, rica em ornamentos e cores fortes, mais parece uma sucessão de quadros de um pintor Barroco.

Despido dos vestígios da realidade, o filme transporta os espectadores para o mundo da fantasia, da imaginação, do devaneio lúdico, mas também à tensão máxima, onde reside a unidade poética do ser - a paixão e a morte.